

NAPOLEÃO E A REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817

Napoleón Bonaparte and the Pernambucana Revolution of 1817

Vasco MARIZ¹

Resumo

Depois da queda do império de Napoleão em 1815, milhares de oficiais franceses emigraram para os EUA. Nessa época preparava-se uma revolução em Pernambuco e, em 1817, foi proclamada a independência e enviado um representante junto ao governo norte-americano em Washington para solicitar o reconhecimento da nova república. Nos EUA numerosos oficiais franceses decidiram seqüestrar Napoleão da ilha de Santa Helena, situada perto da costa de Pernambuco. Dezenas de oficiais franceses e navios carregados de armas e munições desembarcaram no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. O plano era utilizar Recife como cabeça-de-ponte para o assalto à ilha. O representante brasileiro em Washington e o Cônsul norte-americano no Recife davam todo o apoio aos oficiais franceses, chefiados por José Bonaparte, ex-rei da Espanha. O rei de Portugal, D.João VI, a pedido do governo inglês, mandou aprisionar todos os franceses, que foram deportados para a Espanha. A revolução pernambucana durou apenas cinco meses e seus chefes foram presos e executados.

Palavras chave: Napoleão Bonaparte, Santa Helena, Cabugá, Joseph Ray, D. João VI.

¹ Vasco Mariz é historiador e musicólogo, diplomata aposentado, sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, premiado pela ABL em 1983, pela APCA em 2000 e pela Academia Paulista de História em 2002, pelo conjunto de sua obra.

Abstract

After the fall of Napoleon's empire in 1815, thousands of French officers migrated to the USA. At that time a revolution in the state of Pernambuco (Brazil) was successfully proclaimed in 1817 and an envoy was sent to Washington to obtain the official recognition of the American government. The French officers asyled in the USA decided to abduct Napoleon from the island of Santa Helena, off the coast of Pernambuco, and bring him to New Orleans. Dozens of French officers and ships transporting military equipments and ammunition began to arrive in the Northeast coast of Brazil. The plan was to use the coast of Pernambuco as a launching area to attack the island where Napoleon was exiled. The Brazilian representative in Washington and the American Consul in Recife were very active in helping the French officers in their initiative. At request of the British government, king João VI of Portugal, then living in Rio de Janeiro, ordered the arrest of all French officers and expelled them to Spain. The revolution of Pernambuco lasted only five months and its leaders were arrested and put to death by the Portuguese authorities."

Key words: Napoleon Bonaparte, Santa Helena, Cabugá, Joseph Ray, D. João VI.

A fama e o fascínio por Napoleão estiveram bem presentes no Brasil nos primeiros vinte anos do século XIX. Isso sem falar na atração e no prestígio das idéias liberais de igualdade e democracia da revolução francesa de 1789 e da independência dos Estados Unidos da América. Napoleão poderia ter sido o patrono da primeira conspiração pernambucana para fundar uma república no Brasil em 1801. Tampouco devemos esquecer que D. Maria Leopoldina, esposa do príncipe D. Pedro, era irmã de Maria Luísa, segunda mulher de Napoleão. Aliás, nosso futuro imperador tinha verdadeira fascinação pela personalidade de seu ilustre cunhado.

Começemos com algumas palavras sobre a romântica conspiração dos Suassunas, de 1801. O movimento liberal e democrático em Pernambuco esteve baseado a princípio no chamado Aerópago de Itambé, que Oliveira Lima afirma haver sido uma espécie de "sociedade secreta política e maçônica no seu espírito, senão no rito". O fundador foi o carmelita Manuel de Arruda Câmara, que pelejou sempre pelos ideais da revolução francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Pereira da Costa nos deixou colorida biografia dele e nos conta que ele estudou em Coimbra e em Montpellier, na França, e chegou a ser eleito sócio da Academia Real de Ciências de Portugal, o que não era pouco na época.

Um de seus amigos do Aerópago, Francisco de Paula Cavalcanti, senhor de engenho e mais conhecido por coronel Suassuna, ficaria célebre no Nordeste na época. A guerra "das laranjas" entre Portugal e

a Espanha, que nos renderia grande parte do Rio Grande do Sul, provocou o lançamento de um empréstimo do governo português na praça do Recife, que indignou os liberais pernambucanos. Estava por explodir ingênua revolução para implantar uma república em Pernambuco sob a proteção de... Napoleão! A conspiração, que era realmente incipiente, chegou a nomear o irmão do coronel Suassuna, José Francisco, residente em Lisboa, como representante em Paris a fim de negociar a proteção do imperador e o reconhecimento da nova República. Ele não teve sorte, quase foi preso e teve de refugiar-se na Inglaterra.

O movimento revolucionário não chegou a eclodir, pois foi delatado e presos os seus líderes. As autoridades portuguesas estavam atentas, interceptaram correspondência comprometedoras e o coronel Suassuna e seu irmão Luiz Francisco foram trancafiados na fortaleza das Cinco Pontas. O governador ordenou uma devassa e o confisco dos bens dos Cavalcanti, que eram polpudos. Suassuna ficou preso até 1802, mas depois conseguiu ser reabilitado. Pereira da Costa diz que o engenho Suassuna continuou a ser o centro de propaganda das idéias liberais, juntamente com o Aerópago de Itambé, de Arruda Câmara. Não há dúvida, porém de que esses dois centros de difusão liberal estiveram na origem da Revolução Pernambucana de 1817, esta sim melhor organizada, mas de efêmera duração. Suassuna visitou o Ceará, Rio Grande do Norte e a Paraíba para divulgar suas idéias democráticas, o que acabou lhe valendo outra estada na prisão. Faleceu em 1821, um mês depois da morte de seu ídolo Napoleão na ilha de Santa Helena.

A revolução de 1817 aconteceu, portanto, depois da queda de Napoleão em 1815. Coincidiu, porém com a conspiração dos emigrados franceses nos Estados Unidos para seqüestrar Napoleão, levá-lo a Pernambuco e depois a Nova Orleans. A queda do império napoleônico em 1815 significou para a quase totalidade dos oficiais dos exércitos franceses uma verdadeira catástrofe. Com o imperador nas mãos dos ingleses, os generais e coronéis, que haviam combatido em Iena, Marengo, Leipzig, na Rússia e em Waterloo, encontravam-se em situação muito difícil, pois ou prestavam juramento de fidelidade a Luiz XVIII, ou se contentavam a receber meio soldo apenas. Por isso numerosos oficiais preferiram expatriar-se para os Estados Unidos, onde havia oportunidades para “soldados de fortuna”. Assim poucos meses depois da queda do império já estavam nos EUA cerca de dez mil oficiais franceses amargurados e vivendo pacatamente.

Porém, seu único pensamento era libertar o imperador que definhava no clima severo da ilha de Santa Helena, em pleno Oceano Atlântico, na altura de Pernambuco. Durante cerca de cinco anos tentaram organizar uma expedição para libertá-lo, mas a princípio as naus adquiridas para tal fim foram dispersas e arrasadas por um ciclone tropical no golfo do México. O chefe da conspiração francesa nos EUA era o irmão do imperador, José Bonaparte, ex-rei da Espanha. Numerosos militares franceses começaram a se deslocar para Pernambuco a fim de preparar a cabeça de ponte. Armamento e munições foram adquiridos e enviados para o Brasil. Aliado precioso na costa leste dos EUA foi o eficiente Cabugá, representante da revolução pernambucana de 1817 nos EUA, sobre quem falaremos mais adiante com pormenores. No Brasil tiveram outro aliado influente e protegido de imunidade consular: o Cônsul norte-americano Joseph Ray. Fretaram um navio de nome “Seraphine” para levar Napoleão até Nova Orleans, cujo prefeito era um entusiasta do imperador. Já tinham até preparado uma bela casa com estátuas e retratos de Napoleão em Charleston, que ainda existia no início do século XX e era conhecida como “Napoleon’s House”. O “clipper” estava prestes a partir para Fernando de Noronha, local de encontro dos franceses, quando lhes chegou a notícia da morte do imperador.

Com aquele objetivo os franceses estiveram em contato permanente com o representante da revolução pernambucana de 1817, em Washington, Antônio Gonçalves da Cruz, mais conhecido por Cabugá, acreditado como *Chargé d’Affaires* junto ao Departamento de Estado. Era um entusiasta do plano dos exilados franceses, identificando-se com o movimento ideológico encabeçado por Arruda Câmara e Suassuna no Recife. Aubry, historiador do episódio, relata que ele convivía com os franceses em Washington e sua casa estava cheia de retratos de filósofos e pensadores franceses e europeus. Cabugá levou para os Estados Unidos 12,000 contos destinados a comprar armas e munições para os revolucionários e estava encarregado também de alistar emigrados franceses e norte-americanos desejosos de servir nas fileiras republicanas de Pernambuco. Ofereceu vantagens alfandegárias para produtos norte-americanos e outras concessões comerciais para aliciar o apoio do governo americano.

Antônio Gonçalves da Cruz nasceu no Recife aproximadamente em 1775, era mulato claro, embora nos seus passaportes figure como branco, e herdeiro de uma família rica. Ele reunia em sua casa os adeptos de idéias liberais, entusiastas da revolução francesa e da independência

americana. Conta-nos Cleonir Graça e Costa em seu estudo sobre o curioso personagem, que Cabugá - tal era seu apelido - era um grande namorador e respondeu na justiça local por diversos casos amorosos. “Moço e não mal figurado tendo viajado pela Europa, trata-se com mais asseio e decência do que os que nunca saíram de Pernambuco”. Tinha “grande afabilidade e trato agradável” que encantava a todos. O jogo corria alto em sua casa, outro fator de atração para difundir suas idéias republicanas. Era também propagandista da maçonaria, cujos princípios aprendera na França. Possuía mais de 40.000 contos em bens imóveis, mas ao viajar para os EUA logo depois do início da revolução, vendera muitos de seus imóveis, sendo o restante confiscado pela devassa. Mais tarde, em 1822, teria conseguido recuperar boa parte de seus bens.

Vitoriosa a revolução a 6 de março de 1817, na primeira reunião do Governo Provisório, a 8/03/1817, Cabugá foi eleito “Presidente do Erário”, uma espécie de Ministro da Fazenda, mas logo depois preferiu aceitar o cargo de embaixador nos Estados Unidos da América, ou melhor, de *Chargé d’Affaires* em Washington, cuja principal tarefa era obter o reconhecimento formal da independência de Pernambuco pelo governo norte-americano do presidente James Monroe. Tal escolha deve ter sido motivada pela sua habilidade pessoal e experiência em viagens internacionais e provável fluência em línguas estrangeiras, como o inglês e o francês. A escolha foi acertada, pois Cabugá desenvolveria notável atividade nos EUA em prol do reconhecimento da novel república e mais tarde do Império, além de estabelecer bom entendimento com os exilados franceses que pretendiam vir ao Brasil com o objetivo de seqüestrar.

Napoleão de seu exílio em Santa Helena

Cabugá chegou a Boston e 8 de maio de 1817, viajou a Filadélfia, adquiriu armas e munições, fretou dois navios e enviou-os para Pernambuco. Em julho estava já em Washington e a 16 desse mês escreveu uma carta formal ao presidente James Monroe solicitando o reconhecimento da República de Pernambuco. Infelizmente, a revolução durou pouco e foi sufocada em agosto de 1817, isto é, teve a duração de pouco mais de cinco meses. O exército real avançou pelo sul e a esquadra portuguesa comandada pelo almirante Rodrigo Lobo bloqueou o porto.

Os chefes do movimento fugiram para o norte, foram aprisionados e muitos deles fuzilados. É bom esclarecer que nos papéis da Revolução Pernambucana de 1817 não há referência alguma a Napoleão, nem a seu eventual patronato. Isso é compreensível, pois ele perdera o poder em 1815. Ao receber a notícia do fim da República de Pernambuco, Cabugá escreveu nova carta ao presidente norte-americano em termos comoventes e de tal expressividade que Oliveira Lima julgou que ele esboçara “o pan-americanismo seis anos antes de Monroe formular sua famosa doutrina”.

Antônio Gonçalves da Cruz permaneceu em Washington mais algum tempo e depois, mudou-se para Filadélfia, onde continuou ajudando os franceses exilados que planejavam o rapto de Napoleão. Conseguiu a vinda para o Brasil de dois navios corsários “Parangon” e “Penguin”. Na maturidade, deixara de ser apenas o moço frívolo e festeiro do Recife e desempenharia papel de relativa importância na formação do Brasil nascente. Com a independência, Cabugá aderiu ao Império apesar de seus ideais republicanos, pois o que mais ansiava era a libertação do domínio português. A 1º de dezembro de 1822 recebia no Rio de Janeiro a Ordem do Cruzeiro e foi escolhido como Cônsul Geral nos Estados Unidos da América. Em Washington ajudou bastante Silvestre Rebelo com suas relações na capital americana a obter o reconhecimento formal do governo brasileiro e merece por isso a nossa gratidão. Em 1831, foi nomeado pela Regência Trina Provisória como *Chargé d’Affaires* e Cônsul Geral do Brasil na Bolívia, onde faleceu no ano seguinte aos 58 anos de idade. Helio Vianna o incluiu entre os biografados de seu livro *Vultos Imperiais*.

Em verdade, os EUA não podiam entender-se oficialmente com o representante de uma república nascente não reconhecida ainda por país algum, mas era clara sua simpatia pela independência das colônias espanholas e portuguesas. O presidente James Monroe recebeu Cabugá apenas em caráter particular, mas isso não o impediu de conseguir apoio para negociar a compra de armas em Baltimore. Fato importante foi a anterior decisão do Departamento de Estado norte-americano de designar um representante permanente no Recife, o Cônsul Joseph Ray, que desempenharia papel significativo no decorrer da revolução de 1817, abrigo inclusive em sua casa cidadãos franceses que chegavam para incorporar-se na expedição de iria seqüestrar Napoleão. A oportunidade era esplêndida para os emigrados franceses nos EUA, que se aproveitaram dos bons ofícios de Cabugá em Washington e da estratégica posição de Ray no Recife.

Correspondência citada por Donatello Grieco em seu excelente livro sobre *Napoleão e o Brasil* (1995) informa que os oficiais franceses convergiram para o porto de Baltimore e um grupo avançado de 32 homens chefiado pelo coronel Latapie já viajara para Pernambuco. Foram adquiridas duas escunas que estavam em Baltimore e Anápolis. O ponto de reunião de toda a expedição era a ilha de Fernando de Noronha, onde Portugal mantinha uma prisão especial. Lá deveriam reunir-se oitenta oficiais franceses, cerca de setecentos norte-americanos e outro navio com oitocentos marinheiros. Essas forças deveriam atacar Santa Helena visando a capital Jamestown, mas isso seria apenas uma manobra para atrair os defensores ingleses, deixando livres a Sandy Bay e a Prosperous Bay, onde desembarcaria a maioria das tropas da expedição. Um grupo se dirigiria à residência de Napoleão e o levaria para a Prosperous Bay, seguiriam para Recife e viajariam depois para Nova Orleans. Outro grupo na Europa estava encarregado de raptar o filho de Napoleão com Maria Luísa, o chamado “L’ Aiglon”, e levá-lo para Nova Orleans.

Nesse ínterim, o abade Correia da Serra, Ministro de Portugal em Washington, não estava indolente. O diplomata português tinha ótimas relações em Washington e era amigo pessoal de Jefferson, com quem se correspondia amiúde. Estávamos numa época em que os cônsules norte-americanos em várias capitais das colônias espanholas e portuguesas se aliavam aos revolucionários de plantão, tal como aconteceu em Buenos Aires com o Cônsul Thomas Lloyd Harley. No entanto isso tudo acontecia apesar do famoso “Act of Neutrality”, de 3 de março de 1817, isto é, assinado apenas três dias antes de rebentar a revolução pernambucana de 1817. Hipólito da Costa afirmou no “Correio Brasiliense” nº 19 que Correia da Serra “promoveu a medida” graças às suas relações com Jefferson. O Cônsul Joseph Ray só chegou ao Recife a 6 de julho de 1817, portanto quatro meses depois de eclodir a mesma e pouco antes de seu fim.

No entanto, outro emissário da revolução viajou para Washington: o inglês Charles Bowen, que foi recebido pelo Secretário de Estado Richard Rush, o que provocou vivo protesto do Ministro português, Serra explicava na capital americana que a revolução pernambucana era “uma simples insurreição”. Rush replicou-lhe que “o comércio de armas não estava proibido pelo direito internacional, nem por nossas leis”. A correspondência entre o governador de Pernambuco Luiz do Rego e o abade Serra foi intensa e de bastante interesse. Por nota de

13 de junho ao Departamento de Estado ele havia afirmado que os EUA eram “the great fomenter of rebellions”, o que era descortês com o governo junto ao qual estava acreditado. Serra plantava notas nos jornais norte-americanos insinuando a cumplicidade do governo, o que acabou por irritar o Secretário de Estado, que protestou por escrito contra o fato de que Serra “passasse por cima do governo americano e se dirigisse diretamente ao povo de seu país através de jornais”. Faltou pouco para que fosse julgado pessoa “non grata”, mas a verdade é que “nessa época robusteciam-se os argumentos que mais tarde iriam consolidar o monroísmo”, segundo comenta Glaucio Veiga em seu bom estudo sobre o Cônsul Joseph Ray e os acontecimentos em Washington.

O ministro português Correia da Serra sabia de quase tudo o que se passava em Washington e solicitou repetidamente medidas do governo americano contra as atividades de Cabugá, que conseguira realizar embarque para o Recife de importante carregamento de armas e munições para os revolucionários pernambucanos. Convencido de que as autoridades norte-americanas não iriam intervir e impedir esses embarques, Serra alertou o governo do Rio de Janeiro para a gravidade da situação. Se a revolução pernambucana durasse mais alguns meses, o governo norte-americano poderia reconhecê-la. Por isso as tropas da Corte agiram com rapidez e a República de Pernambuco foi liquidada em agosto antes da chegada a Recife da primeira remessa de armas de Cabugá. Seguiu-se impiedosa devassa, mas isso não evitou que o Cônsul norte-americano Ray prosseguisse com suas atividades em outro campo político, isto é, em favor dos exilados franceses que continuavam a desembarcar em vários pontos da costa do Nordeste.

A bordo do brigue “Parangon” chegaram ao Rio Grande do Norte alguns dos principais personagens da expedição francesa que iria raptar Napoleão de Santa Helena. O mais importante deles era o Conde de Pontécoulant, pitoresco personagem de vida aventureira, apesar de sua alta linhagem gaulesa. Ao desembarcar teve a má notícia de que a revolução de 1817 fora afogada, mas o fato não era tão grave assim porque Joseph Ray, o Cônsul norte-americano no Recife continuaria a dar-lhes plena cobertura. Em Natal não encontrou ele maiores dificuldades, pois conseguiu fazer boas relações de amizade com o secretário do Governador. Decidiu passar-se por médico e botânico e partiu para a Paraíba, onde o “Parangon” havia desembarcado o general Raulet, o coronel Latapie e outros personagens franceses de menor nível.

Na Paraíba o Conde não teria a mesma boa recepção, pois o governador local mandou prender todos os franceses encontrados, enviando-os depois para Pernambuco. No Recife tiveram melhor sorte, pois o governador Luiz do Rego não encontrou em seus papéis nada de suspeito e os liberou. Foram hospedar-se em casa do Cônsul Ray, que se tornaria o centro de todas as medidas para o êxito da expedição francesa a Santa Helena. No ínterim aportou no Recife outro brigue americano carregado de armamentos, o que alarmou o governador pernambucano que não sabia como controlar o Cônsul Joseph Ray.

Sucedeu, então o imprevisto: o Coronel Latapie solicitou audiência ao governador Luiz do Rego e resolveu relatar-lhe tudo sobre a expedição que estava sendo preparada, o papel de José Bonaparte, irmão de Napoleão, que deveria chegar a Pernambuco nos próximos dias, enfim todas as implicações de uma delicada questão internacional. O governador afinal deu-se conta da importância dos fatos e decidiu encaminhar os franceses às autoridades portuguesas da capital. No Rio de Janeiro ocorreu outra surpresa: um cidadão norte-americano declarou ao presidente da Alçada que Ray estava em contato direto com Cabugá e os líderes da expedição francesa e que o Cônsul acusava o governador de Pernambuco de prejudicar os interesses comerciais dos EUA. Afirmava Ray abertamente que seria muito fácil obter a independência do Brasil, porque o governo português do Rio de Janeiro ficaria reduzido à impotência pela intervenção armada dos Estados Unidos e a neutralidade absoluta da Inglaterra. O interrogatório de tripulantes do brigue norte-americano confirmava essas declarações alarmantes do diplomata.

Acompanhamos Ferreira da Costa em seu pormenorizado relato, que resumimos. Assustado, o Conde de Pontécoulant preferiu regressar ao Rio Grande Norte para obter proteção de seu amigo, mas nova complicação ocorreu com o aparecimento de outro navio americano, o “Penguin”, procedente de Nova York, que trazia mais armamentos enviados por Cabugá e seus tripulantes transmitiram notícias assegurando até que Napoleão já se evadira de Santa Helena. No Recife, no início de 1818, o governador Luiz do Rego, convencido da cumplicidade do Cônsul norte-americano, pediu ao Rio de Janeiro autorização para efetuar uma busca na casa dele e lá encontrou três pernambucanos implicados na revolução de 1817, prova cabal de sua conivência.

No entanto, a imunidade consular salvou Ray, mas seu secretário dinamarquês foi preso e relatou todos os pormenores da associação dos

franceses com os revolucionários de 1817, do que resultou na prisão do general Raulet. Nesse ínterim chegavam ao Ceará mais franceses ilustres a bordo da fragata “Les Trois Frères”. Os bonapartistas contavam que na França falava-se com entusiasmo do sucesso da revolução pernambucana e vários franceses decidiram embarcar para o Brasil a fim de juntar-se à expedição destinada a Santa Helena. As autoridades portuguesas afinal começaram a preocupar-se seriamente com a chegada de dezenas de franceses de alta estirpe que não podiam trancafiar impunemente sem protesto do governo francês, com o qual Portugal mantinha agora excelentes relações. Por outro lado, o governo português não podia deixar de reagir ao *imbroglio* que aumentava com protestos do governo inglês, seu aliado, interessado em manter Napoleão na sua ilha. Os juristas estavam confusos e afinal a Corte ordenou à polícia carioca “transportar para a Europa todos os emigrados franceses que se encontravam no Brasil”. Em Portugal os franceses foram levados até a fronteira da Espanha e deportados sem mais delongas..

O governador Luiz do Rego escreveu a D. João VI dizendo que “posso assegurar a Vossa Majestade que este Cônsul é um péssimo sujeito e que muito convém ao sossego público que ele seja expulso desta vila” (Devassa, vol. CIII, pg. 261). Ray foi dispensado pelo governo americano em 1820, mas continuou a viver no Recife como comerciante. No entanto, em 1839, isto é, 21 anos depois, ele ainda estava no Recife – como diz Veiga – “testemunhando o progresso de Pernambuco e desta nação que ele ajudara a construir com risco de vida e tantos incômodos”.

Em Santa Helena o comandante inglês Sir Hudson Lowe estava ao corrente de tudo o que acontecia no Brasil pelo Ministro inglês no Rio de Janeiro e tomou diversas medidas para reforçar a defesa da ilha. Instalou telégrafos e novas baterias em Sandy Bay, na Prosperous Bay e na capital Jamestown, os três pontos mais vulneráveis. No dizer de Ferreira da Costa, Napoleão estava ao corrente de tudo e até teria feito várias sugestões para o ataque à ilha. No entanto, Lord Roseberry, autor de um excelente livro sobre “Napoleão – a última fase”, informa que o imperador não queria ir para os Estados Unidos, pois estava certo de que lá seria assassinado pelos esbirros de Luiz XVIII. Teria dito Napoleão: “É preciso obedecer ao seu destino. Só meu martírio poderá restituir a coroa à minha dinastia. Não vejo na América senão assassinio ou esquecimento. Prefiro Santa Helena”. Estava certo, pois Luiz Filipe e mais tarde Napoleão III governaram a França. Se tivesse conseguido asilar-se nos EUA, perderia talvez a sua auréola.

Curiosamente, os últimos meses de Napoleão em Santa Helena foram alegrados por pássaros brasileiros. De 1818 a 1821, data de sua morte, o imperador demonstrou notável interesse pelos jardins que circundavam sua residência em Santa Helena. Ele só teria se dedicado à jardinagem quando se convenceu que não sairia mais da ilha e quis então distrair-se e melhorar o aspecto de sua paisagem imediata. Conta Aubry que ele “sentava-se num declive relvoso e ficava vendo os “cardeais” cor de fogo trazidos do Brasil por um amigo, que ciscavam a terra e voejavam de ramo em ramo e até em cima de sua cabeça”. Donatelo Grieco se pergunta: “Quem teria levado esses pássaros do Brasil? Foram eles encomendados especialmente para a vivenda do imperador?” No Brasil esses pássaros são também chamados de “galinhos da serra” ou “galinhos de campina” por causa de sua graciosa crista vermelha. Eles proporcionaram ao imperador desterrado “momentos de alegria talvez superiores em quantidade aos do convívio de seus homônimos do Sacro Colégio com o soberano dos franceses”, observou Donatelo Grieco.

Os franceses dificilmente teriam tido sorte em sua iniciativa de raptar o imperador da ilha solitária. Não seria nada fácil, pois os ingleses já estavam ao corrente de tudo e tomaram precauções eficazes para resistir. Se ele tivesse aportado no Recife a caminho de Nova Orleans, durante a revolução de 1817, certamente seus próceres tentariam retê-lo por algum tempo para homenageá-lo, mas isso dificilmente se realizaria, pois é natural que os exilados quisessem levá-lo diretamente para os EUA, sem escala no Recife.

Em 1840, quando os ingleses concordaram com o pedido de seu descendente Luiz Filipe para levar os restos mortais do imperador de Santa Helena para a França, a fragata “La Belle Poule”, comandada pelo príncipe de Joinville, velejou diretamente para Brest. Antes, porém, na viagem de vinda da França para Santa Helena, Joinville passara alguns dias em Salvador para reabastecer e, ao participar de uma caçada no Recôncavo, seu grupo de franceses conseguiu ser aprisionado por habitantes da região, confundindo-os com bandidos evadidos de uma prisão vizinha. No seu livro de “Memórias” o príncipe relata a historietta com ironia. Joinville voltou ao Brasil mais tarde para pedir a mão da irmã de Dom Pedro II em casamento, mas essa já é outra história. No entanto, alguns escritores chegaram a publicar que os restos mortais de Napoleão efetivamente passaram pelo Rio de Janeiro a caminho da França em 1840, o que não tem o menor fundamento, pois, está comprovado que “La Belle Poule” regressou diretamente à França.

Bibliografia

- AUBRY, Octave. *Sainte Helène*, 2 volumes, Paris, 1956.
- CASTLEREAGH, Lord – *Despatch Correspondence*, Londres, 1853
- DANTAS SILVA, Leonardo. *A República em Pernambuco*, Instituto Joaquim Nabuco, Recife, 1990.
- GRAÇA E COSTA, Cleonir. Elementos para uma biografia de Antônio Gonçalves da Cruz, o Cabugá, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, volume XLIX, Recife, 1977.
- GRIECO, Donatello. *Napoleão e o Brasil*, Editora da BIBLIEX: Rio de Janeiro, 1995.
- MASSON, Frédéric - *Autour de Sainte Helène*, Paris, 1909.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *O Movimento da Independência*, Rio de Janeiro, 1922.
- PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto. *Dicionário Biográfico de Pernambucanos Célebres*, Recife, 1981.
- ROSEBERRY, Lord. *Napoléon, la dernière phase*, Paris, 1911.
- VEIGA, Gláucio. *O Cônsul Joseph Ray dos Estados Unidos e a Revolução de 1817*, *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, volume LII, Recife, 1979.
- VIANNA, Hélio – *Vultos do Império*, São Paulo: Nacional, 1968.